

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

# Isso é capitalismo? Parataxe ideológica, discurso liberal e a constituição do pobre empreendedor

Frederico Guimaraes

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18310>

Submetido em: 2026-10-05

Postado em: 2026-10-14 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Silmara Dela Silva (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5231-6662>)

# ISSO É CAPITALISMO? PARATAXE IDEOLÓGICA, DISCURSO LIBERAL E A CONSTITUIÇÃO DO POBRE EMPREENDEDOR

*IS THIS CAPITALISM? IDEOLOGICAL PARATAX, LIBERAL DISCOURSE, AND THE CONSTITUTION OF THE POOR ENTREPRENEUR*

*Frederico Sidney Guimarães*

Universidade Federal Fluminense (UFF), Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS)

[fredericosidney@id.uff.br](mailto:fredericosidney@id.uff.br) / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5789-3717>

## RESUMO

Este artigo analisa como o termo *capitalismo* é discursivamente construído no *discurso liberal* por meio da organização paratática de enunciados. Com pressupostos teóricos da Análise do Discurso iniciada por Pêcheux na França e Orlandi no Brasil, a análise se baseia no questionamento de como sentidos adquirem consistência e passam a funcionar como evidências para os sujeitos inscritos em determinadas posições ideológicas. Tendo em vista a dicotomia política entre espectros de direita e de esquerda sobre a defesa do papel do Estado na promoção do bem-estar social, é feita a indagação de como sujeitos que precisam de serviços públicos e ajuda social se identificam com sentidos próximos da direita política. Para isso, o corpus é constituído a partir da entrevista do canal *Spectrum* no *Youtube* e *prints* de discussões da página do *Facebook* “Carobinha Acontece”, nome de uma comunidade carente da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Tem-se como propósito temático a observação da circulação de sentidos que prezam pela noção de empreendedorismo no discurso liberal e como tais sentidos são sintaticamente encaixados de forma paratática para sustentação ideológica. A análise demonstra que a articulação de enunciado em forma de encaixe e (des)ligação (Pêcheux, 2016) faz funcionar uma estabilização de sentidos que não deixa de manter uma flexibilidade passível de deslocamento para a manutenção da coerência ideológica.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Ideologia. Evidência.

## ABSTRACT

This paper analyzes how the term capitalism is discursively constructed in liberal discourse through the paratactic organization of utterances. Inserted in the theoretical framework of Discourse Analysis developed by Pêcheux in France and Orlandi in Brazil, the analysis is grounded in the question of how meanings acquire consistency and come to function as evidence for Subjects inscribed in ideological positions. Considering the political dichotomy between right- and left-wing positions regarding the role of the State in promoting social welfare, the article asks how subjects who rely on public services and social assistance may identify with meanings associated with the political right. To this end, the *corpus* comprises an interview published by the Spectrum YouTube channel and screenshots of discussions from the Facebook page Carobinha Acontece, the name of a low-income area in the West Zone of Rio de Janeiro. The analysis focuses on the circulation of meanings that privilege the notion of entrepreneurship within liberal discourse and on how these meanings are syntactically articulated in a paratactic form to sustain ideological positions. The analysis demonstrates that the articulation of utterances through processes of syntactic embedding and (dis)connection (Pêcheux, 2016), contributes to the stabilization of meanings while simultaneously maintaining flexibility for the preservation of ideological coherence.

**Keywords:** Discourse Analysis. Ideology. Evidence.

## Introdução

As disputas políticas contemporâneas têm sido frequentemente explicadas pelo crescimento da desinformação, pela circulação de notícias falsas e pela expansão das tecnologias digitais *online*. Embora esses fatores tenham adquirido grande visibilidade, este texto parte do pressuposto de que eles não explicam, por si sós, como determinados sentidos conseguem estabilizar-se socialmente, mesmo diante de informações que poderiam colocá-los em questão.

Entendo que haveria algo mais geral, um funcionamento discursivo que não é apenas atual, mas que faz parte da discursividade, por exemplo, já analisada no contexto da guerra fria, com foi o estudo sobre a construção do sentido de comunismo como ameaça nas *mídias tradicionais* brasileiras (Mariani, 1996). É a discursividade que cria a noção de um inimigo e/ou sentidos que devam ser rechaçados para manter a definição do que se chama capitalismo. Para este artigo, seriam as noções que associam o pensamento desenvolvimentista econômico como negação de capitalismo para sustentar uma definição específica de capitalismo.

Neste caso, pautado na teoria materialista da Análise do Discurso (AD) iniciada por Pêcheux (1995), mais do que perguntar se um enunciado é verdadeiro ou falso, torna-se relevante trazer numa questão pertinente: como certos sentidos adquirem consistência discursiva e passam a funcionar como evidências para sujeitos inscritos em determinadas posições ideológicas? Um sentido em disputa discursiva contemporânea que este artigo se concentra é o sentido de capitalismo, suas definições, determinações e aquilo que o ameaça.

Comunismo é ameaça? Capitalismo convive com ajuda social? O aparato estatal é necessário para o desenvolvimento do capitalismo? As respostas para tais perguntas pautam o que está sendo considerado como divisão entre esquerda e direita (liberal) nos posicionamentos políticos no Brasil no ano de 2026 analisados nesse texto.

A disputa por sentido de capitalismo no Brasil ganhou novos contornos sobretudo a partir de 2016, com a posse de Michel Temer na presidência do país e o fortalecimento de posições políticas identificadas com o que está sendo referido de *discurso liberal* que está presente na chamada extrema direita (Vasconcelos, 2021). Nacionalismo, anticomunismo, defesa da redução ou aumento dos gastos sociais, assim como diminuição ou aumento da participação estatal na economia passaram a constituir palco para a atuação de perfis criados em redes sociais digitais que defendem seus respectivos posicionamentos políticos.

Nesse contexto, considerando a circulação desses sentidos em ambientes dessas redes, foram desenvolvidas importantes análises voltadas às interpelações ideológicas (Fatima, 2025) que conjuga a extrema direita com o conservadorismo na questão de gênero. Há também a

temática sobre os modos de circulação dos textos em ambientes digitais (Dias, 2024) e a construção da definição de que estaríamos supostamente na era da *pós-verdade*, frequentemente associado à reorganização dos regimes de informação e à intensificação da polarização política (Zoppi Fontana, 2022).

Este artigo parte desse cenário, mas desloca o foco da análise. Em vez de analisar prioritariamente os efeitos das plataformas digitais ou os mecanismos de desinformação, interessa compreender um funcionamento mais geral da produção de sentidos, que não é fruto do ambiente das redes sociais digitais apesar de fazer parte dele. Para isso, indaga-se que determinadas posições ideológicas se sustentam pela articulação relativamente flexível de enunciados que compartilham uma mesma afinidade ideológica.

Nessa perspectiva, a estabilidade do sentido de capitalismo para o discurso liberal analisado dependeria da possibilidade de manter definições suficientemente flexíveis para incorporar novos enunciados sem romper a unidade ideológica que as organiza. Ou seja, é uma evidência, conforme abordado por Pêcheux (1995), mas com a característica intrigante de que tal evidência não deixa de ter uma movência ou flexibilidade nos discursos que serão analisados.

Essa característica pode ser observada, por exemplo, nas diferentes formas pelas quais o capitalismo é significado no *discurso liberal* em questão. O termo aparece como uma categoria aparentemente estável, embora seja constantemente preenchido por atributos distintos: empreendedorismo, liberdade econômica, mérito, geração de riqueza, eficiência ou redução da intervenção estatal. Desta forma, é preciso analisar o funcionamento discursivo que faz com que essa permanência do sentido decorra menos da precisão da significação do que da capacidade de articular diferentes enunciados em uma mesma direção interpretativa, produzindo o efeito de que todos tenham o mesmo referente.

Este artigo se concentra no estudo desse funcionamento. Para isso, entende-se que a organização predominantemente paratática dos enunciados favorece a constituição de uma espécie de *banco de dados* ideológico, no qual formulações previamente disponíveis podem ser continuamente reformuladas para reafirmar um sentido conveniente à posição ideológica de quem as enuncia. Tem-se a premissa de que a falta de uma precisão ou fixação do significado de capitalismo, longe de enfraquecer o sentido, ampliaria sua capacidade de incorporar novos elementos sem perder sua orientação ideológica.

Por isso, objetivo geral deste texto consiste em analisar como o termo *capitalismo* é discursivamente construído no *discurso liberal* por meio dessa organização paratática de enunciados. O *corpus* é composto por recortes da entrevista no *Youtube* (Spectrum e Jabbour,

2026), que possui o então candidato a deputado federal, nas eleições brasileiras de 2026, Elias Jabbour, que se autodeclara comunista e que defende a intervenção do estado no desenvolvimento econômico nacional, com interlocutores autodeclarados liberais. A entrevista representa, dentro do ambiente digital, as remissões de ideias do discurso liberal que não são originárias dele.

Esta entrevista pressupõe que os sujeitos são formados em áreas de conhecimentos específicos, possuem experiências em suas áreas e se configuram como bem-sucedidos em seus projetos de vida, não caracterizando em si pessoas mal-informadas ou com baixa escolaridade. Em adição, será analisado um recorte de postagem da rede social *Facebook* que é organizado por moradores da comunidade de Carobinha, no Rio de Janeiro, caracterizada por uma região que não possui oferta de redes de educação de excelência, possui carência de serviços públicos básicos e é considerada uma região não privilegiada entre os bairros da cidade do Rio de Janeiro.

A conjunção dos recortes da entrevista do *Youtube* com a postagem do *Facebook* se justifica por este artigo fazer parte da pesquisa de pós-doutorado que estuda a circulação dos sentidos do discurso liberal que pregam menos ajuda social do estado em regiões que teoricamente precisam dessas ajudas. Entende-se que tais sentidos do *discurso liberal* não podem ser reduzidos à (des)informação ou à falta de repertório sobre a realidade dos sujeitos (ou falta de escolaridade), mas envolve formas de identificação ideológica que produzem confiança em determinadas interpretações do mundo e orientam as consolidações de projetos políticos. Trata-se de análise de como objetos ganham sentidos, no discurso, a partir de disputa política e influenciam no curso da história.

Primeiramente é feita uma abordagem conceitual, para em seguida, a noção de *banco de dados ideológica* ser conjugada com os pressupostos da AD. A seção seguinte discorre sobre os parâmetros metodológicos e a constituição do corpus, cuja análise foi feita inicialmente sobre o efeito de estabilização para depois ser empreendida a reflexão sobre os deslizes e deslocamentos de sentidos.

### **Pressupostos conceituais: A verdade objeto de pensamento visto como objeto real**

Como não se pretende analisar a definição de capitalismo enquanto categoria da economia política ou da sociologia, tampouco descrever objetivamente seu funcionamento como modo de produção, o interesse recai sobre o processo pelo qual esse termo é significado nas disputas discursivas em torno de identificação de sujeitos em posicionamentos ideológicos. Então, o objeto da análise não é o capitalismo em si, mas a produção de sentidos que permite aos sujeitos reconhecê-lo, defini-lo e mobilizá-lo.

A análise se pauta, portanto, no aporte teórico conceitual da AD, desenvolvida inicialmente por Pêcheux na França e Orlandi no Brasil. A linguagem, então, não é concebida como um instrumento neutro de expressão da realidade, mas faz parte da relação entre língua e discurso que se conjugam com a história. Os sentidos não existiriam previamente às práticas discursivas nem decorrem diretamente das propriedades dos objetos do mundo. Eles são produzidos nas relações entre língua, discurso e história, sempre sob condições determinadas de produção sem isenção de posicionamento ideológico.

A problematização que a AD proporciona sobre a relação entre língua, sujeito e história incide sobre como objetos que são discursivizados não precisam corresponder necessariamente ao objeto que o sujeito crê ser o objeto real do mundo do qual ele fala. Isso quer dizer que quando o sujeito fala de capitalismo e de suas relações sociais, para a AD, o interesse não recai se é um fato social ou um objeto real da economia, e sim sobre como os efeitos de sentido sobre capitalismo constituem o tal sujeito e o faz se posicionar politicamente.

Capitalismo, então, não lido como um objeto real, remete a crítica formulada por Pêcheux (1995) à concepção referencial da linguagem presente em Frege. Ao retomar a noção de ilusão que induz, no pensamento, o objeto do pensamento, Pêcheux demonstra que o discurso movimenta os efeitos de sentido que estão na base do processo de significação da língua.

A “‘ilusão’, pela qual um objeto de pensamento pressupõe a existência de um objeto real (...)” (Pêcheux, 1995, p. 98), nada mais é do que “a condição formal de um efeito de sentido (...) entre dois ‘domínios de pensamento’, de modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento de outro sob a forma do que chamamos ‘pré-construído’” (1995, p. 99).

Essa reflexão se conjuga com a observação de Henry (2013) sobre o que Frege entendeu como defeito na linguagem. Nesse caso, constatou-se que as expressões gramaticais dependentes de serem entendidas por pressupostos permitem “falar muito seriamente e muito logicamente de coisas que não existem no sentido forte, mas apenas, se é possível dizer assim, verbalmente ou no pensamento” (Henry, 2013, p. 13).

Isso quer dizer que para um objeto de pensamento ter sentido no discurso é necessário que haja remissões a discursos que se associem a ele. Pêcheux (1995) entende que a sustentação de um sentido precisa das articulações entre enunciados, e para isso o interdiscurso opera pelo seu efeito do pré-construído. Nenhum enunciado se constitui isoladamente. Nos termos propostos nesse artigo, entende-se que cada definição do capitalismo mobiliza redes de já-ditos que autorizam determinadas associações e silenciam outras. É essa memória discursiva que permite que certos encadeamentos pareçam naturais para sujeitos identificados com uma mesma posição ideológica.

Nesse funcionamento, a noção narratividade adquire relevância neste artigo. Para Mariani (1996), trata-se do “(...) processo que atua junto à memória discursiva, engendrando para a memória a ilusão de completude. A narratividade é o que permite a recomposição interna dos discursos em função das variações e mudanças históricas”. (1996, 243). Em razão disso, para consolidar os efeitos de sentidos, os discursos frequentemente organizam sequências de acontecimentos capazes de produzir um efeito de evidência sobre aquilo que pretendem definir.

Sendo assim, a partir desse percurso teórico, é importante refletir sobre a relação entre interdiscurso, narratividade e o que se pretende referir de *banco de dados ideológico* para o tipo de recortes que serão analisados. Pois a relação entre esses conceitos explica como determinados encadeamentos linguísticos produzem efeitos de evidência, estabilizam definições e, ao mesmo tempo, preservam a flexibilidade necessária para responder a deslocamentos e contradições sem romper a coerência da posição ideológica que os sustenta.

### **Discurso paratático: o banco de dados ideológico pelo *non-sense***

O interdiscurso, segundo Pêcheux (1995, p. 163) é o que permite a articulação de enunciados pelo efeito do pré-construído. Por se tratar de algo anterior, um passado sobre o que já foi dito e significado em suas respectivas formações ideológicas, o trabalho com a memória desse pré-construído permite o engendramento das associações que dão forma ao pensamento de um sujeito. A narratividade, conforme já mencionado pela citação de Mariani (1996), é o processo que atua nesse engendramento, organizando o que já foi dito e permitindo que o sujeito reproduza em novas formas de dizer aquilo que ele supõe evidente.

Porém, não se pode confundir narratividade com narrativa. Apesar de se relacionarem no aspecto da produção textual e discursiva, narrativa e narratividade não são conceitos equivalentes. A narrativa faz referência ao relato propriamente dito, isto é, à organização dos acontecimentos em uma sequência que estabelece relações de temporalidade, causalidade e conclusão, aproximando-se de tópicos da tipologia textual e das discussões tradicionais sobre gêneros.

A narratividade, por sua vez, desloca-se desse campo para designar a dimensão simbólica que mobiliza a memória do que já foi contado e da forma como foi contado. Não se trata apenas da existência de uma narrativa, mas da memória que mobilizou o processo narrativo, isto é, dos modos de organizar, repetir e atualizar sentidos na história. Sob a perspectiva da AD, a narratividade possibilita a "reorganização imaginária do acontecer histórico em suas repetições, resistências e rupturas" (Mariani, 1996, p. 119). Assim, mais do que uma forma textual, a narratividade constitui um princípio de produção de sentidos que

permite aos sujeitos reconhecerem, retomarem e ressignificarem discursos anteriores, sustentando efeitos de continuidade, identificação e pertencimento mesmo quando as formulações assumem formas distintas.

Desta diferença entre narrativa e narratividade, é interessante trazer a reflexão de Herrmann (2024 ) sobre a forma de criação de sentidos pela noção do banco de dados como forma simbólica, além da narrativa, a partir das leituras de Manovich (1999). Herrmann se atenta para a circulação de informações nas redes sociais digitais ao analisar teorias da conspiração relacionadas à pandemia da Covid-19, questionando a centralidade da narrativa como princípio organizador do sentido.

Em exemplo de estudo, é analisado uma mensagem no aplicativo *Telegram* em que se esbraveja, num texto desconexo, sobre como a Angela Merkel, ex-chanceler da Alemanha, estaria em conluio com a China para manipular cidadãos alemães para vacinação. É feita acusação de estarmos num teste biológico, fazendo parte de jogo geopolítico para ajudar empresas chinesas e exterminar os mais velhos por manipulação genética, num esquema de interesses das indústrias farmacêuticas.

Um recorte da mensagem a título de ilustração: “Estabeleceram um sistema totalitário de vigilância. (...) Mao-Merkel continua encarcerando os alemães. (...) destróis a economia e até a indústria automobilística (...) tudo o que eles dizem é mentira. (...) conto de fadas para operar a injeção de genes em seus corpos” (Herrmann, 2024, p. 288)(tradução livre). Em um texto de meia página de livro, foram mobilizados sentidos de ditadura, liberdade, conluio geopolítico entre Alemanha e China, esquema farmacêutico para criar uma nova ordem mundial etc. O pressuposto é que o mínimo de verificação factual da realidade poderia crer que o texto não faria o menor sentido, não havendo coerência nem textual, nem de sentidos na mensagem analisada.

Desta forma, Herrmann (2024) conclui que muitos dos discursos que circulam no ambiente digital não dependem de uma sequência narrativa coerente ou de uma argumentação logicamente estruturada. O sentido se estabeleceria na articulação entre fragmentos de informações relativamente autônomos que passam a remeter uns aos outros por relações de equivalência. A forma textual da mensagem, segundo Herrmann, “reúne, em uma bagunça total, um emaranhado de tropos conspiratórios, alguns bastante familiares e outros nem tanto, formando não uma sequência de eventos, mas uma coleção rizomática organizada em torno de um núcleo unificador de afetos” (2024, p. 289). Neste artigo, contudo, proponho deslocar essa leitura para compreendê-la como articulações produzidas por afinidades ideológicas.

Ainda nos termos de Herrmann (2024), diferentemente da narrativa, organizada por relações de causalidade, progressão temporal e encadeamento dos acontecimentos, o banco de dados como forma simbólica se constitui pelo armazenamento de informações relativamente independentes. Seu princípio de organização é predominantemente paratático, ou seja, as proposições não precisam integrar uma sequência textual coesa nem formar uma explicação historicamente consistente. Permanecem disponíveis como enunciados que podem ser continuamente reorganizados segundo diferentes articulações, produzindo novos efeitos de sentido a partir de remissões entre informações previamente armazenadas e socialmente compartilhadas.

Tal tipo de organização textual e construção de sentidos não passou despercebido por Pêcheux. Ao refletir sobre encaixe e articulação de enunciados, é mencionada condições em que enunciados formam uma sequência ou podem se desconectar de forma independente, se liberando do enunciado anterior. Seria, “pois, colocar simultaneamente questões de inserção (o que entra em quê?), de desencaixe (o que sai e se destaca?) e de conjugação” (Pêcheux, 2016, p. 227).

Pêcheux, ao refletir sobre encaixe, articulação e (des)ligação dos enunciados estava preocupado com a relação entre teoria gramatical e a teoria do discurso para explicar a relação de sentidos entre enunciados, que seria impossível de ser contemplada numa descrição puramente linguística, exigindo um *saber* extralinguístico proporcionado pelo interdiscurso. Estendendo sua longa reflexão sobre as construções relativas desde Pêcheux (1995), é colocado que construções apositivas tem caráter incidente e permite o estabelecimento relações de enunciados coordenados.

Do enunciado (1) “Os comunistas sustentam as lutas *que mostram a determinação combativa dos trabalhadores*” (2016, p. 229)(grifo nosso), se a relativa grifada for considerada linguisticamente um encaixe apositivo, tem-se a interpretação circunstancial. Nesse caso, criam-se possibilidades parafrástica como as relações coordenadas: explicativa (1a) *porque mostram a determinação (...)*; ou conclusiva (1b) *pois mostram a determinação (...)*. Como também pode criar a relação por justaposição: (1c) *As lutas mostram a determinação dos trabalhadores. Os comunistas as sustentam.*

Em contraste, se a mesma relativa tiver interpretação linguística determinativa, a relação entre os enunciados toma a forma subordinativa, com o exemplo dado por Pêcheux da construção condicional que parafraseio na forma: (1d) *As lutas são sustentadas pelos comunistas, se mostrarem a determinação combativa dos trabalhadores.*

Ou seja, por um lado, a formação paratática depende de aberturas circunstanciais para os encaixes e, mais precisamente, desligamentos de enunciados para serem articulados de acordo com as respectivas afinidades ideológicas. Por outro lado, as construções subordinadas criam sentidos mais encaixados, interconectados, impossibilitando a maior movência entre sentidos dispersos e exigindo uma coerência textual e semântica mais elaborada.

Pela leitura de Pêcheux, trago o entendimento de que a organização paratática das ideias cria uma abertura para “a questão do sentido no *non-sense*, isto é, com a questão das formas de subversão da lógica no espaço da gramática” (Pêcheux, 2016, p. 233). É a presença do não-sentido para fazer os sentidos necessários que constituem os sujeitos no discurso.

Assim, Pêcheux propõe pensar duas formas de escrita: uma por *encaixe*, que privilegia o encadeamento que sustenta o sentido; outra por *(des)ligação*, que mantém abertura para conexões implícitas em relações de justaposição, sucessão de frases nominais, interrompidas etc. A escrita por *(des)ligação* proporcionaria “uma série de deslocamento e de apagamentos, afetando o ponto da enunciação” (2016, p. 235).

Então, ler o *banco de dados ideológico* como uma forma de organização das ideias do sujeito em sua filiação ideológica não consiste em adotar integralmente a oposição proposta por Herrmann (2024) entre as formas simbólicas da narrativa e do bando de dados. O aspecto que se considera teoricamente produtivo é a possibilidade de compreender que a produção dos sentidos não depende necessariamente da coerência lógica dos enunciados ou da coesão textual de uma narrativa. A circulação massiva de determinadas formulações permite que elas sejam constantemente retomadas, combinadas e reorganizadas, sustentando posições ideológicas mesmo quando não constituem uma explicação historicamente consistente ou conceitualmente rigorosa.

O que Herrmann (2016) descreve como um conjunto de informações armazenadas se conjuga com o efeito da memória discursiva que constitui o interdiscurso. Os enunciados ficam acessíveis porque foram historicamente produzidos, repetidos e estabilizados em formações discursivas específicas. Cada novo dizer mobiliza essa memória, retomando fragmentos de discursos anteriores que delimitam o campo do dizível e tornam determinadas associações mais evidentes do que outras.

A lógica paratática do *banco de dados ideológico* como organização do sentido no discurso é relacionada aqui com o entendimento de Zoppi Fontana sobre a construção imaginária de um sujeito coletivo plural (feministas, trabalhadores, brasileiros) em que as contradições e equívocos são contornados. “Trata-se justamente do efeito do interdiscurso sobre

a sintaxe, agindo como ‘cola interdiscursiva’ que organiza o fio do discurso” (Zoppi-Fontana 2021, 455)

Nessa perspectiva, o *bando de dados ideológico* pode ser compreendido como uma forma de *armazenamento* acessado pela memória discursiva marcada pela intensa circulação e recombinação de fragmentos discursivos. A organização predominantemente paratática desses fragmentos amplia as possibilidades de associação entre enunciados ideologicamente afins, sem exigir que eles componham uma narrativa linear ou um sistema conceitual sobre o sentido dos termos de forma coerente. Seria a abertura do *non-sense* exposto por Pêcheux (2016) a partir da relação circunstancial dos enunciados.

É justamente nesse ponto que a noção de narratividade adquire um papel decisivo. Se o interdiscurso corresponde à memória que disponibiliza os já-ditos e o *bando de dados ideológico* descreve a organização relativamente aberta desses fragmentos, a narratividade consiste no processo que os reorganiza em uma direção interpretativa, efetuando a “cola interdiscursiva” mencionada por Zoppi Fontana (2021).

Assim, analisa-se como esse funcionamento discursivo tem alimentado e sustentando o discurso liberal nos recortes que compõem as sequências discursivas a seguir. O interdiscurso forneceria um repertório de formulações historicamente estabilizadas sobre mérito, empreendedorismo, liberdade econômica, concorrência e eficiência, que podem ser continuamente retomadas e reorganizadas. A narratividade produziria o encadeamento momentâneo dessas formulações, enquanto a lógica paratática de sua circulação permite incorporar novos enunciados sem romper a estabilidade do sentido. É essa articulação entre interdiscurso, narratividade e organização paratática do *banco de dados ideológico* que nos possibilitaria compreender como determinados significados do capitalismo permanecem relativamente estáveis mesmo diante de contradições históricas e de enunciados potencialmente desestabilizadores.

### **A construção do corpus de análise**

O *corpus* foi construído a partir da recorrência de determinadas formulações e posições discursivas que condizem com o discurso liberal. O eixo temático se concentra em sentidos associados ao mérito, ao empreendedorismo, à ação estatal e à responsabilidade individual para a análise de como eles são reorganizados e atualizados.

Inicialmente, para a constituição do arquivo da pesquisa, foi acompanhada, durante o período de 2025 a 2026, a página do *Facebook* “Carobinha Acontece”, que remete à comunidade da Carobinha, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de espaço de

circulação e interação entre moradores da localidade. A página possibilitou o acesso a diferentes posicionamentos políticos expressos espontaneamente pelos usuários, permitindo observar como sentidos relacionados ao liberalismo eram retomados, reformulados e articulados a acontecimentos e experiências do cotidiano.

A página posteriormente foi excluída. Por essa razão, foram utilizadas para as análises as capturas de tela do celular (*prints*) dos comentários que apresentavam proximidade temática com o discurso liberal em investigação. Esses recortes não são tomados como representação da totalidade da comunidade, mas como materialidades (processo, disputa e tomada de forma) discursivas que permitem analisar determinadas formas de circulação e retomada de sentidos

A escolha da região da Carobinha-RJ como motivador geográfico inicial da pesquisa está relacionada, inicialmente, à minha experiência quando fui professor da educação básica na Escola Municipal Cora Coralina, localizada nesta região da cidade do Rio de Janeiro. O contato cotidiano com os estudantes permitiu observar a circulação de determinados sentidos sobre trabalho, estudo, empreendedorismo e políticas sociais. Em algumas falas, por exemplo, aparecia a valorização do trabalho informal como demonstração de autonomia e empreendedorismo, inclusive entre estudantes que afirmavam já possuir uma fonte de renda por meio de atividades como o mototáxi. Essas formulações não apenas desvalorizavam a necessidade de escolarização, mas também produziam sentidos sobre o trabalho e o sucesso individual que posteriormente foram reconhecidos em outras formulações na comunidade.

Essa experiência produziu uma questão de pesquisa acerca da forma aparentemente difusa e, muitas vezes, pouco coerente pela qual determinados posicionamentos políticos se organizavam. A circulação de enunciados nos comentários dos alunos e, posteriormente, nas redes sociais digitais, apresentava uma série de informações, opiniões e formulações que nem sempre estabeleciam entre si uma relação lógica ou histórico factual, mas que pareciam convergir para justificar a posição ideológica liberal. Foi justamente essa configuração que motivou o interesse por compreender como diferentes fragmentos discursivos podem ser articulados pelos sujeitos na produção de sentidos e na tomada de posição.

Paralelo a construção do arquivo em relação a Carobinha-RJ, tive acesso à entrevista no *Youtube* intitulada “1 desenvolvimentista vs 20 liberais” (Spectrum e Jabbour, 2026). Nesta entrevista, foi percebida uma discursividade do discurso liberal similar ao que se observada na experiência de trabalho na região da Carobinha, ou seja, um entendimento de economia que preza pelo empreendedorismo individual, redução do espaço de intervenção estatal e a justaposição de ideias que se encadeiam para reafirmar uma visão de capitalismo específica. A

menção a entrevista está em formato de citação bibliográfica, contendo os devidos *links* e as informações sobre produção, plataforma, minutos e segundos dos recortes selecionados.

A inclusão dos recortes da entrevista do *Youtube* responde, portanto, à necessidade de observar tanto a circulação e formas de articulação de enunciados em diferentes espaços, como também a maneira como determinadas formulações participam da constituição e da atualização de uma memória discursiva sobre o liberalismo. Deve-se considerar que, no caso da entrevista, são sujeitos escolarizados, autoconsiderados bem-sucedidos em suas áreas de atuação e demonstram desenvoltura na organização textual de suas ideias.

Isso contribui, por um lado, para barrar o estereótipo de que a identificação dos sujeitos, em regiões economicamente carentes, com o discurso liberal configuraria uma incoerência ou falta de informação. Por outro lado, possibilitou analisar aspectos do encadeamento de formulações que configuram o tipo de funcionamento discursivo que congrega a flexibilidade na articulação de enunciados para manter um tipo de específico de significação ideológica. Por isso, as primeiras análises dos recortes são desta entrevista, para depois serem acompanhados com as análises dos recortes da página “Carobinha Acontece”.

Os recortes da entrevista e os comentários da página conjugam, portanto, espaços de discursividade produzindo sentidos em um funcionamento do que está sendo chamado *banco de dados ideológico* liberal. Por isso, permitem acompanhar diferentes modos circulação e retomada de sentidos, sem pressupor uma relação direta ou causal entre elas. Tais recortes, por fim, constituem as Sequências Discursivas (SD), representando o “retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (Mariani, 1996, p. 54) a serem analisadas na próxima sessão. As SDs serão numeradas de acordo com a ordem em que são apresentadas.

### **O recorte paratático e o efeito de estabilização.**

A análise dos recortes que compõem as sequências discursivas abaixo nos permite refletir sobre o funcionamento de sustentação de sentidos que está sendo discutido neste artigo. A organização do recorte foi feita a partir da seleção de ideias que vão se encadeando para conduzir a uma definição de algo, no caso “isso é capitalismo”, compondo a estrutura sintática “X é Y”. No caso, o trecho está organizado privilegiando a visão de encadeamento coordenado ou justaposto das ideias.

**SD1.** "O padeiro vende esse pão" / "esse pão, se for bom..." / "esse padeiro abre uma padaria diferente" / "ele expande para outros bairros" / "ele tem uma rede de padarias" / "ele tem que construir uma panificação" / "essa panificação vai produzir pães para várias padarias" / "quem sabe ele pode ir até para a cidade vizinha" / "Isso é capitalismo". (Spectrum & Jabbour, 2026, 5m56s)

O recorte apresentado corresponde à transcrição do trecho de vídeo e foi composto de forma ilustrativa para evidenciar o modo como determinados enunciados são encadeados na sustentação de uma posição ideológica específica, no caso de uma posição política autodenominada econômica liberal. O interesse analítico não recai sobre a totalidade da fala ou sobre a intenção do enunciador, mas sobre o funcionamento discursivo que se materializa na sequência de formulações.

Interessa observar a articulação entre os enunciados, permitindo refletir como uma sucessão de ideias aparentemente simples e evidentes vai sendo organizada para construir uma determinada interpretação do desenvolvimento econômico. Desta forma, o recorte ilustra o funcionamento discursivo que produz um efeito de evidência sobre o significado de *capitalismo*. O que estava sendo debatido na entrevista quando as ideias foram formuladas linguisticamente não foi uma definição conceitual rigorosa, mas sim a construção de uma narratividade que organiza uma cadeia de enunciados em direção a uma conclusão apresentada como natural e autoevidente: "Isso é capitalismo".

Do ponto de vista sintático-discursivo, enfatiza-se a organização paratática das ideias. Os enunciados são encadeados por coordenação, por justaposição e por conectivos simples de progressão temporal, sem a explicitação de mediações econômicas, históricas ou políticas. O efeito produzido é o de uma sequência contínua e linear em que cada acontecimento parece decorrer naturalmente do anterior.

Considera-se que esse funcionamento paratático contribui para apagar as contradições e determinações históricas do processo econômico. Por exemplo: Entre o “vender pão” e “expandir para outras cidades” existe uma série de condições políticas econômicas como crédito, concorrência, relações de trabalho, concentração de capital, regulação estatal, infraestrutura etc. que não precisam e nem podem estar presentes no enunciado. A coordenação dos dizeres produz um efeito de transparência causal: vender um bom produto leva ao crescimento, e o crescimento leva à expansão.

A ausência destacada não necessariamente é vista como falha ou premeditada, mas como fazendo parte da construção do sentido do que se apresenta como possível quando a formulação foi constituída. Apesar de ser um debate de pessoas com formação acadêmica, é necessário ressaltar que é um debate político antes de ser teórico e o efeito de sentido ideológico precisa ser mantido.

Nesse caso, considero presente o *banco de dados ideológico* como mecanismo linguístico-discursivos pelo qual sentidos historicamente estabilizados são retomados,

atualizados e apresentados como evidências naturais, contribuindo para a legitimação de uma determinada posição ideológica. Cada novo enunciado acrescenta uma propriedade à cena inicial do padeiro, produzindo uma espécie de encaixe cumulativo: vender pão; vender um bom pão; abrir outra padaria; expandir a rede; construir uma panificação; alcançar novos mercados.

O resultado é a sustentação de um efeito de sentido por uma definição predicativa implícita, em situações apositivas circunstanciais que propiciam a justaposição ou coordenação (Pêcheux 2016), conforme explicito nas paráfrases abaixo.

(1) Capitalismo é vender um bom produto e crescer.

(2) Capitalismo é mérito e expansão.

(1a) Capitalismo, que é mérito e expansão, é vender um bom produto e crescer.

(1a) \*Se for mérito e expansão, capitalismo é vender um bom produto e crescer.<sup>1</sup>

A forma sintática que baseada na análise é a "X é Y", a partir de uma lógica que se parece indiscutível. Entretanto, em vez de uma definição direta, produz-se uma definição pela narratividade que corrobora a noção de livre-comércio e empreendedorismo. O predicado não aparece condensado numa única palavra, mas distribuído ao longo do encadeamento que fornece a sustentação da ideia, a partir de já-ditos sobre uma explicação do desenvolvimento do capitalismo. A sucessão de eventos funciona como um conjunto de atributos que vai preenchendo o significado do termo capitalismo até culminar na formulação final da SD1:

(3) Isso é capitalismo

O pronome demonstrativo "isso" desempenha papel central nesse processo. Ele retoma todos enunciados anteriores e o transforma em um objeto unitário de referência: capitalismo. O que era uma série de acontecimentos particulares torna-se uma essência identificável. O demonstrativo opera uma síntese retrospectiva dos sentidos produzidos pela forma que as ideias foram encadeadas.

Esse mecanismo de sustentação do sentido é possível porque o sujeito constituído na posição política liberal está inserido em um já-dito que alimenta um *banco de dados ideológico*: as ideias repetidamente postas em circulação de que o desenvolvimento econômico resulta da iniciativa individual, da inovação, da qualidade do produto e da livre concorrência. Compõe ideias neoliberais que Vasconcelos (2021) analisou como sendo postas em circulação nas mídias tradicionais, independente do ambiente digital, e que fortaleceram a expansão da extrema direita no Brasil.

---

<sup>1</sup> Uma contradição histórica não pode deixar de ser mencionada: expansão e superprodução estão associados grandes crises capitalistas, principalmente em 1929.

Pode-se compreender que o padeiro não surge como indivíduo empírico, mas como efeito metonímico que atualiza o imaginário do empreendedor autônomo que prospera graças ao próprio esforço. Tem-se uma memória discursiva mobilizada que permite as remissões parafrásticas: quem trabalha cresce; o mérito produz riqueza; a concorrência gera desenvolvimento; o mercado recompensa os melhores; o sucesso individual beneficia a coletividade.

As remissões enfatizam a certeza de que a dinâmica econômica se organiza por si mesma, sem que sejam mencionadas mediações institucionais, políticas ou estatais. Os sentidos se constroem e se fundamentam numa narratividade que consolida a certeza de que o desenvolvimento econômico caberia, de forma simplificada, à iniciativa privada e individual.

Esse efeito não passou despercebido na montagem do arquivo sobre a circulação do discurso liberal na comunidade da Carobinha, na cidade do Rio de Janeiro. São comentários selecionados de postagem que satirizava o programa “Gás do Povo”. No caso, a postagem fazia menção ao fato do auxílio governamental caracterizar aspectos populistas para compra de voto no efeito do político que manipula a população carente para ganhar voto.

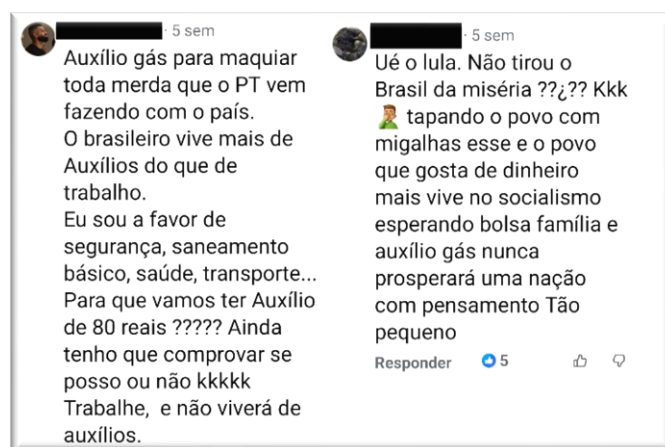


**Figura 1.** Comentário em postagem Facebook

**Fonte:** Página “Carobinha acontece” do facebook, 02/2026

A figura 1, então, expõe dois comentários que compõem as:

**SD2.** Auxílio gás para maquiar o que o PT vem fazendo / Brasileiro vive mais de Auxílios do que de trabalho / trabalhe, e não viverá de auxílios.

**SD3.** Tapando o povo com migalhas / Esse povo que gosta de dinheiro mais (sic) vive no socialismo esperando bolsa-família e auxílio gás.

O formato textual dos comentários se aproxima do que está sendo referido como uma expressão não necessariamente coesa e coerente da textualização, trazendo comentários muitas vezes aleatórios para compor a estrutura textual, como certezas de que há mais auxílios do que pessoas trabalhando, necessidade de comprovação, ironia sobre informação de redução de pobreza, associar auxílio social com socialismo. Não se coloca essas associações como erradas ou incoerentes, mas tal formato textual, como comentário sobre o auxílio gás, proporciona uma sensação de que foram agrupadas várias informações curtas para garantir um posicionamento contrário à política pública em questão. Isso nos traz o efeito do *non-sense* e a necessidade de deslocamentos. Vejamos:

As SD2 e SD3 articulam diferentes sentidos em uma configuração que se aproxima do funcionamento paratático, na medida em que enunciados distintos são justapostos e passam a produzir unidade a partir de uma mesma posição ideológica. Em SD2, a associação entre “auxílio gás”, “PT”, “auxílios” e “trabalho” produz uma oposição entre a dependência das políticas sociais e o esforço individual, sintetizada na formulação “trabalhe, e não viverá de auxílios”. Em SD3, essa relação é retomada pela expressão “migalhas” e pela associação entre “socialismo”, “Bolsa Família” e “auxílio gás”, fazendo com que o recebimento de políticas de proteção social seja significado como característica própria do socialismo. O *non-sense* da relação entre socialismo, capitalismo e auxílios é necessário para garantir os deslocamentos que garantem a sustentação do sentido que constitui os sujeitos dos comentários.

Nos dois comentários, observa-se a mobilização de sentidos relacionados ao mérito, ao esforço individual e à autonomia econômica, enquanto a ação estatal de proteção social é significanda como dependência, acomodação ou mecanismo de controle da população. Produz-se, assim, uma articulação de sentidos em que socialismo é auxílio/ dependência, em contraposição a capitalismo é mérito/ trabalho /expansão.

Ocorre acesso a informações já circuladas que compõe o *bando de dados ideológico* na posição contra a ideia de comunismo e de justiça / ajuda social. Desse modo, a política de assistência social deixa de ser significanda como uma possibilidade inscrita no próprio funcionamento de sociedades capitalistas e passa a ocupar, nos recortes analisados, o lugar de evidência de uma suposta oposição entre ajuda estatal e mérito individual. A sequência produz, portanto, um efeito de sentido no qual podemos considerar  $X = \text{mérito/trabalho/capitalismo}$ ,  $Y = \text{auxílio/socialismo/dependência}$  e, conseqüentemente,  $X \neq Y$ , apagando outras possibilidades de significação para as políticas sociais e naturalizando a oposição entre ação estatal e realização individual, garantindo um efeito que apaga contradições.

A ausência das contradições ressalta a visão de um encadeamento harmonioso do efeito metonímico de todo o desenvolvimento capitalista liberal referenciado na SD1. O empregado fica feliz com o lucro do patrão que aumentaria seu salário, o consumidor só consome o que gosta e acha justo o preço, o investidor ou banqueiro proporciona os aportes necessários para o devido investimento no crescimento. O salário cresce, o emprego vem, as pessoas só precisam trabalhar e assim não viveria de auxílios e o Brasil fica livre do socialismo. Um encadeamento ideal de cada componente relativamente autônomo nessa cadeia.

Nesse sentido, a parataxe não é apenas um recurso sintático. Ela constitui uma forma discursiva de simplificação. Ao justapor pensamentos que se reforçam mutuamente, produz-se uma narrativa supostamente linear, cumulativa e teleológica, com o fim devidamente marcado por um progresso ideal. Cada segmento funciona como evidência do seguinte, até que a conclusão "Isso (não) é capitalismo" apareça não como uma conclusão ideológica possível, mas como uma certeza objetiva.

Os enunciados, desta forma, vão se encaixando sucessivamente para construir uma unidade de sentido relativamente estável para o sujeito que enuncia, isolando o capitalismo de suas contradições históricas e reduzindo-o a uma narrativa de crescimento empresarial. A definição emerge da própria narratividade: não se diz diretamente o que é capitalismo, mas organiza-se uma sequência de acontecimentos que faz o interlocutor concluir que capitalismo é exatamente esse movimento contínuo de expansão, mérito e prosperidade, ausência de auxílios. Assim, a narratividade opera como mecanismo de estabilização ideológica dos sentidos, transformando uma determinada leitura liberal do desenvolvimento econômico em evidência discursiva.

A falha da evidência do encadeamento harmonioso se coloca na conjugação de fatores pela inserção de novos enunciados ou conjunturas fora do recorte mencionado. Em outro momento da entrevista, a certeza de que o capitalismo seria a liberdade e desenvolvimento é confrontando com uma outra realidade em que o capitalismo foi definido como sendo gerador de monopólios. Numa reação imediata, tem-se a negação, mexendo a cabeça de forma a dizer não (Spectrum & Jabbour, 2026, 17m30s). Este gesto é lido como reação que rejeita o enunciado estranho do *banco de dados ideológico*, o gesto de recusa que quebra o encadeamento de progresso e caminho teleológico de sucesso e crescimento.

Isso leva o interesse de analisar as proposições que desestabilizam uma noção de capitalismo como puro desenvolvimento empresarial com pouca interferência ou proteção do estado. Da busca da estabilidade, a análise agora volta-se para a movência do sentido e maior

porosidade na definição do que seria capitalismo num encadeamento paratático de ideias. Trata-se da necessidade de estabilização, mas com abertura ao deslocamento.

### **O paratático como base do deslize do sentido**

A leitura agora aponta para um deslocamento importante. Numa outra parte da entrevista, o tema deixa de ser a ideia de livre mercado como gerador de desenvolvimento e passa para o questionamento do quanto o desenvolvimento capitalista teria se beneficiado do trabalho escravo. Desta vez, o funcionamento da definição de capitalismo deixa de fazer o significante remeter a uma categoria relativamente estabilizada e passa a reunir sentidos heterogêneos, cuja função é produzir um efeito de inocência do capitalismo frente às relações de exploração. O sujeito que enuncia se define como:

**SD4.** fundador de banco de crédito / representa capitalismo em imensidão / cara que gera emprego, paga imposto, luta contra estado inchado e caro/ como sustentar que não existiria capitalismo sem escravidão se capitalismo veio antes da escravidão / exemplos como Inglaterra, Holanda / trazer os dias de hoje / qual país utiliza isso hoje? / É algo que ficou no passado / escravidão não tem correlação direta com capitalismo / capitalismo existe em face de pessoas que pensam / produzem / e que tenham opinião própria. (Spectrum & Jabbour, 2026, 59m)

Se, anteriormente, na SD1, capitalismo aparecia associado ao livre mercado e ao desenvolvimento econômico, agora sua definição torna-se mais difusa e instável. Capitalismo passa a ser apresentado como sinônimo de crédito, de empreendedorismo, da geração de empregos, do pagamento de impostos e até mesmo de uma suposta capacidade individual de pensar / produzir / possuir opinião própria, isso forma na sintaxe X é Y o sentido:

(4) Capitalismo é crédito (gerar emprego) (produzir) etc

É um funcionamento que não pode construir uma definição conceitual consistente, fixa, e isso permite diferentes elementos serem reunidos sob o mesmo significante, produzindo um efeito de evidência em torno de uma imagem positiva do capitalismo. Tal funcionamento remete à observação de Pêcheux (2016) sobre os enunciados poderem se desconectar de forma independente, se liberando do enunciado anterior, destacado o que entre, o que saí e o que se conjuga. Saí a noção de crescimento e mérito, exclui-se qualquer reflexão sobre exploração de trabalho e histórico de escravidão, e se conjuga com geração de emprego, pagar imposto e ter liberdade e opinião própria.

O *banco de dados ideológico* se arvora de redes parafrástica que se encadeiam para garantir um ideal de definição sobre o termo capitalismo. A cadeia de predicções atua nesse sentido: é crédito, é gerar emprego, é pagar imposto, é lutar contra estado. São associações determinativas que garantem um sentido positivo sobre capitalismo.

Tal dispersão de sentidos não é aleatória. Ela opera discursivamente para deslocar a discussão da historicidade do capitalismo para atributos morais dos sujeitos que participariam dele. Em vez de responder à questão sobre a participação da escravidão na acumulação primitiva do capital, o sujeito da SD4 redefine o objeto em debate. Capitalismo deixa de designar um modo histórico de produção para tornar-se um conjunto de valores positivos: empreendedorismo, trabalho, mérito, geração de empregos e combate ao *Estado inchado*.

A sequência "fundador de banco de crédito", "gera emprego", "paga imposto", "luta contra o Estado inchado" exemplifica esse funcionamento. Não há relação necessária entre essas características e a definição de capitalismo como fruto de desenvolvimento do livre mercado ou da relação entre modo de produção e trabalhadores. Entretanto, a justaposição desses enunciados constrói uma cadeia de equivalências em que todos passam a significar *capitalismo*. O efeito produzido é o de naturalização: se capitalismo é aquilo que gera empregos, paga impostos e combate o excesso do Estado, torna-se difícil associá-lo à exploração do trabalho ou às formas históricas de acumulação que envolveram a escravidão.

Nesse processo, a escravidão também sofre um deslocamento temporal. Ao afirmar que "capitalismo veio antes da escravidão", que "isso ficou no passado" e perguntar "qual país utiliza isso hoje?", o sujeito em questão rompe a possibilidade de estabelecer uma relação histórica entre a escravidão colonial e a constituição do capitalismo moderno. A questão deixa de ser a função econômica desempenhada pelo trabalho escravizado na acumulação de capital e passa a ser a existência ou não de escravidão formal no presente. Se o capitalismo não teria se beneficiado de escravidão, ele também não se beneficia de possíveis trabalhos análogos a escravidão contemporânea.

A ideia de que o capitalismo foi beneficiado pela escravidão é o estranhamento do interdiscurso. É uma ideia que deva ser recusada, como foi a ideia de que o capitalismo é parte da consolidação de monopólios expresso no gesto de negação. Tais enunciados, que produzem sentidos que não podem estar no *banco de dados ideológico* do sujeito que define o capitalismo como desassociado da escravidão, forma associações impossíveis de serem concebidas na sequencialização paratática do sujeito que procura definir o capitalismo pela ação altruísta do empreendimento.

Entre o capitalismo que se beneficiou da escravidão forma a definição X é Y

(4a) Capitalismo é explorador (de escravos) (de trabalhador)

Essa definição tem efeito oposto à definição do sujeito *que gera emprego*. Tem-se então, dois domínios de pensamento distintos, o que não é totalmente desconhecido para o sujeito liberal, fazendo operar o efeito de identificação e evidência pelo efeito do pré-construído que o Pêcheux associou ao “estranho familiar” (Pêcheux 1995, 155). Esse estranho, além de fazer operar no posicionamento ideológico de articulação o que deve ser deslocado, não deixa de fazer operar, na base linguística, o efeito de identificação:

(5) O capitalismo que se beneficiou da escravidão nunca existiu.

Esse enunciado faz remissão ao exemplo de Pêcheux “aquele que salvou o mundo morrendo na cruz nunca existiu” (1995, p. 98), em que Pêcheux explica o efeito do pré-construído pela discrepância em que um elemento irrompe num domínio de pensamento como se tivesse sido pensado “antes, em outro lugar, independentemente” (1995, p. 156).

Desse modo, constitui-se uma narratividade na qual o capitalismo aparece como resultado exclusivo da criatividade, da racionalidade e da liberdade de indivíduos empreendedores. A exploração do trabalho, as relações coloniais e a violência constitutiva dos processos históricos de acumulação são apagadas em favor de uma narrativa altruísta do capitalismo.

Essa narratividade reorganiza a memória discursiva ao privilegiar formulações que associam capitalismo à inovação, ao mérito e à prosperidade, enquanto silencia outras memórias que o vinculam à expropriação, à colonização e às diversas formas de exploração do trabalho. O efeito ideológico produzido é o de tornar incompatíveis, no plano do imaginário, capitalismo e exploração, fazendo parecer que ambos nunca estiveram historicamente articulados e que tampouco poderiam estar nas formas contemporâneas de organização do trabalho.

Essa certeza que incompatibiliza os termos capitalismo e exploração da SD4, também incompatibiliza os termos capitalismo e ajuda social ou capitalismo e intervenção estatal, analisados nas SD2 e SD3. Tais evidências estão postas em circulação e são entendidas como fazendo parte da forma de acesso de enunciados no *banco de dados ideológico* de sujeitos constituídos no discurso liberal. Desta forma, foi possível fazer um recorte de um funcionamento discursivo que consolida condições semânticas que fazem com que moradores de regiões periférica possuam como certeza a ideia de que capitalismo serve para gerar emprego, crescimento e não teria relação com necessidade de ajudas sociais.

### Retomadas e ensaio de fechamento:

Na construção de um efeito de encerramento, retomo a pergunta inicial: como certos sentidos adquirem consistência discursiva e passam a funcionar como evidências para sujeitos inscritos em determinadas posições ideológicas? A partir dessa pergunta, foram analisados recortes que se concentraram em sentidos atribuídos ao capitalismo, suas definições, suas determinações e, sobretudo, aquilo que é discursivamente construído como ameaça à sua existência ou ao seu funcionamento.

A análise da sustentação sentido de capitalismo, entendido teoricamente como objeto de pensamento no discurso, permitiu observar que sua significação não se organiza necessariamente pela apresentação de uma definição conceitual única e coerente. Nos recortes analisados, diferentes determinações foram associadas ao termo por meio de encaixes sintáticos que produzem efeitos de unidade entre formulações heterogêneas. A escrita por (des)ligação, conforme a formulação de Pêcheux (2016), permitiu compreender como esses encaixes se realizam por uma estrutura predominantemente paratática de ideias. O que se apresenta como uma definição relativamente estável do capitalismo pode, assim, ser constituído pela articulação de fragmentos provenientes de um *acervo* discursivo mais amplo, chamado aqui de *banco de dados ideológico*.

Os recortes analisados permitiram a compreensão desse funcionamento discursivo. Em determinados momentos, o sentido de capitalismo é sustentado pelo apagamento das contradições relacionadas ao monopólio e à concentração econômica; em outros, pelo apagamento das relações históricas de exploração do trabalho; em outros ainda, pela oposição entre benefícios sociais atribuídos ao comunismo e uma suposta liberdade própria do capitalismo. Essas diferentes formulações não precisam constituir um sistema conceitual rigoroso para produzirem efeitos de sentido. Elas podem ser articuladas porque participam de uma mesma posição ideológica e, ao serem retomadas, contribuem para estabilizar uma determinada leitura da realidade.

É nesse sentido que foi proposto pensar *o outro* (o enunciado estranho, de outra ordem), como aquilo que se encontra fora da fronteira de elementos que compõem esse *banco de dados ideológico*. Sua exterioridade não significa simplesmente aquilo que é diferente, mas aquilo que precisa ser rechaçado para que determinada articulação permaneça *encaixada*. O elemento que ameaça a organização do conjunto passa a funcionar como uma espécie de fator de *agramaticalidade* da articulação das ideias: sua presença introduz uma incompatibilidade que precisa ser rejeitada, deslocada ou ressignificada para que a sequência de sentidos possa

continuar produzindo o mesmo efeito ideológico. É o que explica a recusa, o gesto do não com a cabeça, o encerramento da troca de ideias.

A partir disso, torna-se possível compreender uma característica fundamental da discursividade analisada: quanto mais flexível é a organização dos elementos que constituem o sentido, maior pode ser sua capacidade de absorver deslocamentos e responder às contradições sem necessariamente desestabilizar a posição ideológica que os articula. A evidência não depende, portanto, da ausência de contradições, mas da capacidade de reorganizá-las discursivamente. Por isso foi importante compreender o *banco de dados ideológico* como acervo de elementos que podem ser continuamente acessados, ligados e desligados, permitindo que novos acontecimentos sejam incorporados a uma leitura já disponível da realidade.

Isso contribui para compreender como sujeitos podem identificar-se com o discurso liberal mesmo quando suas condições materiais de existência os colocam diante da necessidade de políticas sociais, serviços públicos e outras formas de intervenção estatal. Não se trata de resolver essa aparente contradição pela falta de informação ou pela oposição entre conhecimento verdadeiro e crença falsa. A identificação ideológica opera justamente na possibilidade de produzir uma sustentação de sentido na qual elementos contraditórios possam ser reorganizados sem que a posição do sujeito seja necessariamente desfeita. O sentido funciona como evidência porque oferece ao sujeito uma forma de inteligibilidade na qual determinadas relações parecem naturais e outras aparecem como ameaça.

O que se apresenta, finalmente, é menos uma definição do capitalismo do que o funcionamento de sua definição. O capitalismo torna-se, no discurso analisado, um *objeto de pensamento* continuamente reconstruído por ligações, desligamentos, oposições e retomadas.

Por isso conclui-se que esse funcionamento discursivo não se restringe às plataformas digitais e de suas especificidades tecnológicas. As redes sociais digitais, tão caracterizadas como espaço de circulação de *fake news* e desinformação, aparecem, nesse sentido, como espaço de circulação e intensificação de processos discursivos que as antecedem. Desta forma, como trabalhos futuros, pode-se pensar em como o *banco de dados ideológico* que em outros tempos fez a sustentação de sentidos para pautas trabalhistas, direitos sociais, e demandas por igualdade de renda, ficou enfraquecido ou desatualizado para os devidos encaixes sintáticos da atualidade da década de 2020.

### **Declaração de Conflito de Interesse:**

O autor declara não possuir interesse financeiro conflitante ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado nesse artigo.

### **Declaração de Uso de Inteligência Artificial (IA):**

O autor declara não ter usado ferramentas de IA para elaboração desse manuscrito.

### **Declaração de Disponibilidade de Dados de Pesquisa**

O autor declara que os dados que sustentam o estudo apresentado estão incluídos neste manuscrito.

### **Referências**

DIAS, Cristiani. O texto plataformizado. *Scripta (PUCMG)*, v. 28, p. 156-187, 2024.

FATIMA, Welton. *Lugares de enunciação e objetos morais na textualização do discurso bolsonarista no Facebook (2011-2022)*. Tese (Doutorado em Linguística), Unicamp,: Campinas, 2025.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

HERRMANN, Sebastian M. A new poetic of conspiracism? Conspiracy theory in a time of post-narrative politics. In: Butter, M et al (org) *Populism and Conspiracy Theory: case studies and theoretical perspectives*. Routledge, 2024, p. 284-307.

MANOVICH, Lev. Database as symbolic form. *Convergence*, V. 5, n. 2, p. 80-99, 1999.

MARIANI, Bethania S. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese (doutorado em linguística): Unicamp, 1996.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. . Campinas: Pontes, 3.a Edição, 2001.

ORLANDI, Eni. Volatilidade da interpretação: política, imaginário e fantasia. *Cadernos de Linguística*, V. 2, n. 1, p. 01-15, 2021.

ORLANDI, Eni. Nota introdutória à tradução brasileira. In: Conein, B. et al. *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p. 9-16.

PÊCHEUX, Michel. O enunciado: encaixe, articulação e (des)ligação. In: Conein, B. et al. *Materialidades discursivas*. Campinas: Ed. Unicamp, 2016, p. 227-236.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. . Campinas: Unicamp, 1995.

SPECTRUM e JABBOUR. 1 desenvolvimentista vs 20 liberais. *Youtube*, 23 de 04 de 2026: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A4swgb-TcrI> acesso em 07/08/2026.

VASCONSELOS, Fabíola. *Mídia e conservadorismo: o globo, a folha de S. Paulo e a ascensão política de Bolsonaro e do bolsonarismo*. Tese (doutorado em Serviço Social).: Recife, UFPE, 2021.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Transformações da fala pública: do porta-voz autorizado aos tuítes do filho amado. In: Castelo Branco, Luíza et al. *Entrenós da Língua, do Sujeito, do Discurso*. Campinas: Pontes, 2022, p. 29-52.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. Efeitos de sintaxe na constituição de lugares de enunciação. Zoppi- Fontana, Biziak, Jacob. *Mulheres em Discurso: lugares de enunciação e corpos em disputa. Volume 3*. Campinas: Pontes Editores, 2021, p. 435-460.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.